

A vida continua aqui: o legado de Fernando Barba para a educação musical

Andrezza Prodóssimo

Universidade Federal do Paraná
<https://orcid.org/0009-0009-3475-4488>
andrezza.s.prodossimo@gmail.com

PRODÓSSIMO, Andrezza. A vida continua aqui: o legado de Fernando Barba para a educação musical. **Revista da Abem**, [s. l.], v. 32, n. 1, e32120, 2024.



A Vida Continua Aqui: o legado de Fernando Barba para a Educação Musical

Resenha da obra: BARBA, Fernando; TORRES, Renata Ferraz. **A Vida Começava Lá**: uma história de repercussão corporal. 2ª ed. São Paulo: Stacchini, 2024.

Life goes on here: Fernando Barba's legacy to music education

Book review: BARBA, Fernando; TORRES, Renata Ferraz. **A Vida Começava Lá**: uma história de repercussão corporal. São Paulo: Stacchini, 2024.

La vida continúa acá: el legado de Fernando Barba para la educación musical

Reseña: BARBA, Fernando; TORRES, Renata Ferraz. **A Vida Começava Lá**: uma história de repercussão corporal. São Paulo: Stacchini, 2024.

Barba: uma árvore sonora

Fernando Barba, autor do livro “A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal” foi provavelmente o precursor da prática da música corporal no Brasil. Ele nasceu em São Paulo, no dia 30 de dezembro de 1971, e faleceu no dia 4 de fevereiro de 2021. Formado no curso de Bacharelado em Música Popular pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Barba fundou o grupo Barbatuques, referência mundial na performance da música corporal e realizou, por muitos anos, oficinas práticas de sua abordagem pedagógica, no Brasil e no mundo.

Fernando Barba decidiu escrever o livro autobiográfico contando com a parceria de sua irmã Renata Ferraz Torres para a redação e a coleta de dados, como memórias fotográficas, entrevistas com amigos e pessoas que fizeram parte de sua vida. O livro foi escrito em 2019, em uma fase em que Barba estava em reabilitação intensiva após passar por uma cirurgia delicada de retirada de um tumor benigno do cérebro, em 2017, mas que infelizmente deixou sequelas que o impediram de voltar a fazer o que realizava com grande maestria, a música corporal: “de uma hora para outra, eu, que era um músico focado essencialmente no ritmo, fiquei disrítmico” (Barba; Torres, 2024, p. 16). Anterior aos capítulos do livro, Keith Terry – músico americano referência e um dos precursores da prática da música corporal – escreveu a introdução da 2ª edição do livro, onde coloca que “Barba criou uma orquestra do corpo que leva o ouvinte a um novo mundo de composição, curiosidade, e um estilo que se reconhece imediatamente” (Terry, 2024, p. 9).

Stênio Mendes – músico craviolista e figura fundamental na vida pessoal e profissional de Barba, e alguém que trouxe diversas práticas que foram agregadas à da Pedagogia Barbatuques – foi o autor do prefácio da obra, trazendo diversas metáforas sobre Barba: “sua música é clara, áurea e alquímica, transpira corpo a corpo, no ritmo cósmico, celebrando o encontro de tantas vidas que pulsam para a misteriosa amplidão” (Mendes, 2024, p. 14).

O livro possui 26 capítulos e foi dividido em duas partes: “Lado A”, onde Fernando Barba apresenta a sua trajetória, abrangendo sua vida familiar e acadêmica, mas principalmente sua construção como músico e educador musical, e “Lado B”, representando a fase de descoberta do tumor e o processo de recuperação. Os primeiros dois capítulos foram dedicados a mostrar suas raízes e lugares onde morou. Seu ambiente familiar foi cercado de muita música e, apesar de seus pais não serem músicos, eram bons ouvintes. Acredito que esta influência familiar tenha mobilizado Barba a ter uma postura de escuta atenta e acolhedora em sua prática, pois ele buscava proporcionar um entrelaçamento musical entre participantes de diferentes níveis de conhecimento musical.

A partir do terceiro capítulo, Barba traz lembranças de sua construção em relação à música corporal desde a adolescência. Ele mostra com clareza o seu pensamento de indissociabilidade entre o ser “músico do corpo” e o ser “músico guitarrista” (Barba; Torres, 2024, p. 63), uma vez que tocar um instrumento também demanda gesto, uma intenção de movimento, e a percepção de seu corpo sonoro-musical contribui para o ser instrumentista. Neste sentido, apesar de parecer muito claro que toda música vem do corpo, este pressuposto não é evidente, pois ainda existe dificuldade em atribuir o corpo em movimento ao fazer musical (Prodóssimo, 2023, p. 121).

Barba relata sua experiência com o professor José Eduardo Gramani – ao ingressar na UNICAMP –, que o marcou como estudante e profissional, por meio de sua aula denominada Rítmica. Em seu método, Gramani trouxe o pensamento contrapontístico entre voz, mãos e pés e, para Barba, a prática seguia um caminho oposto àquilo que ele conhecia como “música acadêmica”, graças aos aspectos de brincadeira (Barba; Torres, 2024, p. 73). Barba percebia a necessidade de o ensino da música ir além do modelo eurocêntrico que reforça o olhar para o corpo máquina no

fazer musical e a importância da dimensão do brincar na música, que pode ser considerada uma atividade social de grande significância para a humanidade.

Um ponto interessante trazido por Barba é que quando se trata de música corporal, ele acredita que o termo mais apropriado a ser utilizado é “descobrir” no lugar de “inventar” (Barba; Torres, 2024, p. 81). Aliada a esta fala, ele enfatiza a presença da música corporal em diversas manifestações culturais, como fandango (Paraná), coco (Pernambuco), flamenco (Espanha), *gumbboot dance* (África do Sul), *hambone* (Estados Unidos), *kecak* (Indonésia), entre muitas outras. Fernando Barba afirma que gosta de pensar que a música corporal é capaz de plantar uma semente nas pessoas, fazendo-as perceber que qualquer um pode praticá-la, pois o corpo é o instrumento (p. 82).

Em 1995, Barba inicia as aulas de “Rítmica Corporal”, primeiro conceito criado por ele que, anos depois, foi denominado “Música Corporal”. Partindo dos grupos de estudos criados por Barba em sua escola de música “Auê”, nasce o grupo Barbatuques: “a gênese do Barbatuques confunde-se com a história dos grupos de estudo que eu coordenava na Auê. Nasceu, portanto, no berço da educação musical” (Barba; Torres, 2024, p. 104). No processo de construção deste grupo musical, passando por diversas experiências como agregar a voz aos arranjos percussivos e movimentação cênica, o grupo Barbatuques passa pelo processo de gravação de alguns álbuns: “Corpo do Som”, “O Seguinte é Esse”, “Tum Pá” e *Ayú*¹.

Em relação à música corporal enquanto linguagem de conexão e intersecção entre outras áreas, o autor comenta:

A música corporal está, de certa forma, na contramão daquilo que é feito hoje em dia. Ela flerta com diversas outras áreas, como a comunicação, as artes cênicas, a educação física e a dança. Ela valoriza o encontro multipessoal, a escuta mútua, o construir junto. É uma música coletiva (Barba; Torres, 2024, p. 169).

Gosto muito de me referir a Fernando Barba como uma “Árvore Sonora”, pois ele germinou em muitas pessoas e comunidades a essência da música corporal. Posso afirmar que sou um fruto do mestre Barba. Após vivenciar a prática com ele,

¹ Estes foram os álbuns citados por Fernando Barba em seu livro. Posteriormente, outros foram gravados pelo grupo como “Só Mais um Pouquinho” (2018), “Corpo do Som ao Vivo” (2024), além de diversos *singles*.

meu olhar para a educação musical e para meu ser artístico se modificou e me tornei uma entusiasta e multiplicadora desta prática, por me encantar com a magia que ela provoca nas pessoas ao acessarem as suas musicalidades.

A partir do “Lado B”, começam os relatos relacionados aos problemas de saúde enfrentados por Fernando Barba. Eles têm início no começo de 2017, época em que viajei para São Paulo para dar continuidade aos estudos da prática da música corporal com ele: “em uma dessas oficinas, no espaço da Teca Alencar, ao fazer um movimento de regência bastante comum para mim, caí no chão diante dos participantes. Disfarcei, procurei fazer com que parecesse um movimento voluntário, mas não era” (Barba; Torres, 2024, p. 231).

Passado o tempo, Barba iniciou o processo de investigação até chegar ao diagnóstico do tumor no cérebro. Os custos para a cirurgia eram muito altos, porém, com a mobilização de muitas pessoas que fizeram parte da vida de Barba, além de pessoas que tinham uma grande admiração por ele, foi possível levantar o dinheiro para a realização da cirurgia. Apesar de uma cirurgia bem-sucedida, Barba ficou com sequelas.

A música brinca com a contradição de sermos nós mesmos e, também, outra pessoa. Algo que tenho experimentado de maneira metafórica desde que extraí meu tumor, mas que, então, vivi de forma literal. Ironias dessa vida. Meu corpo está diferente, funciona diferente, meus hábitos se alteraram. [...] Ainda estamos todos aprendendo a conviver com esse novo ser que resultou da morte do meu antigo *Self* e, a essa altura do campeonato, ainda tive que provar de forma objetiva, concreta, com documentos e papéis que eu era eu. Minha mãe achou tudo isso inacreditável. Mas “estou aqui para provar que eu sou eu”! Quando tudo muda, é bom reconhecer aquilo que permanece. É um projeto de resistência (Barba; Torres, 2024, p. 266).

Ao final do livro, Renata Ferraz Torres traz uma breve nota a respeito da morte de Barba, quando ele decidiu partir, e o sentimento da família de que ele não poderia mais continuar com o corpo irreconhecível para ele, pelas perdas provocadas pelo tumor (Barba; Torres, 2024, p. 280). Ela acrescenta ao final da nota um poema escrito pelo primo Felipe Junqueira Fausto a respeito da partida de Barba: “as costelas que ele fazia/ De xilofone/ Tornaram-se gaiola/ Uma gaiola de costelas/ Uma gaiola de osso/ De tudo o que restou/ Ficou seu coração, forte e bravo/ Ele estava ali/ Isso nós

sabíamos/ E quando escolheu não mais envelhecer/ Ele quebrou a gaiola/ E então voou” (Fausto, 2024, p. 281).

Fernando Barba foi um grande educador, um verdadeiro mestre. Ele deixou um legado que apresenta o respeito e o olhar para as pedagogias musicais importantes sem deixar de trazer as tradições culturais por meio de seu modo de ensinar. Sua capacidade de estabelecer igualdade entre as pessoas por meio de sua abordagem pedagógica, incluindo-as com níveis diferentes de conhecimento musical e consequentemente proporcionando a elas os benefícios do fazer musical em comunidade, talvez seja o ponto que mais se relaciona com as tradições culturais.

Barba, ao dizer “quando tudo muda, é bom reconhecer aquilo que **permanece**”, me remete à “sequência minimal”, um jogo que fazíamos em suas oficinas, em que a música começa de uma maneira e, com o surgimento de novos elementos, tudo muda. Porém, os primeiros sons **permanecem** iguais, amplificando aquele fazer musical em comunidade. O início da música corporal criada pelo mestre Fernando Barba, enquanto uma prática potente e democrática para a educação musical, começava lá. Continuamos a vida aqui, seguindo o seu “projeto de resistência” e reverenciando o seu legado, seja num ambiente educativo ou no palco, trazendo a permanência de sua presença em cada peito, palma e estalo.

Referências

BARBA, Fernando; TORRES, Renata Ferraz. **A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal**. 2ª ed. São Paulo: Stacchini, 2024. 288 p.

FAUSTO, Felipe Junqueira. Breve Nota. *In* **A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal**. 2ª ed. São Paulo: Stacchini, 2024.

MENDES, Stênio. Prefácio. *In* **A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal**. 2ª ed. São Paulo: Stacchini, 2024.

PRODÓSSIMO, Andrezza Helaine Soares. **Música corporal em propostas pedagógicas para o ensino médio: análise de livros didáticos do programa nacional do livro e material didático – PNLD**. 134 p. 2023. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Música, Curitiba, 2023.

TERRY, Keith. Introdução. *In* **A Vida Começava Lá: uma história de repercussão corporal**. 2ª ed. São Paulo: Stacchini, 2024.



Andrezza Prodóssimo é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculada à linha de pesquisa Linguagem, Corpo e Estética na Educação, membro do grupo de pesquisa Educamovimento/NEPIE-UFPR, que pesquisa e estuda corpo, gestos e movimentos da criança pequena em contextos de educação. É mestra em Música pela UFPR, vinculada à linha Educação/Cognição Musical, especialista em Psicopedagogia pela Universidade Tuiuti e musicoterapeuta pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). É cantora, pianista, percussionista corporal, compositora e pesquisadora. Idealizou e fez a direção geral do "Baticum - Festival de Música Corporal de Curitiba", em 2022. É fundadora e diretora musical do grupo Baticum (grupo de pesquisa e performance de música corporal de Curitiba) e do Núcleo de Estudos da Música Corporal Fernando Barba em Curitiba-PR. É integrante do duo Nós Brincantes e do grupo FATO. É coordenadora pedagógica do Villa Brincante – canteiro de germinar a musicalidade e atua como professora de musicalização infantil e piano no Centro Cultural Villa-Lobos – Curitiba-PR. Como formadora, desenvolve diversas oficinas de música corporal em Curitiba e em outras cidades, fazendo parte do corpo de professores da 37ª e da 39ª Oficina de Música de Curitiba, além de ter realizado um minicurso no XXVI Congresso Nacional da ABEM em Ouro Preto-MG, em 2023.

<http://lattes.cnpq.br/3091721120320108>

